

MANUAL PARA  
OTIMIZAÇÃO DA  
UTILIZAÇÃO DE  
EQUIPAMENTOS DE  
LAZER

Por Victor Andrade de Melo

Uma produção do

Serviço Social do Comércio/Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2002

## APRESENTAÇÃO

Nas últimas décadas, crescem consideravelmente as preocupações com as práticas de lazer da população e cada vez mais o assunto se torna motivação para a elaboração de políticas públicas e privadas de intervenção. No âmbito dessas iniciativas de atuação, podemos situar a construção de equipamentos de lazer, entre os quais aqueles destinados à prática esportiva (como quadras e ginásios), muitas vezes executada a partir da solicitação das próprias comunidades, ávidas por condições adequadas para o exercício de suas atividades no seu tempo livre.

Contudo, na mesma medida em que se multiplicam tais equipamentos, surgem alguns problemas que devem ser cuidadosamente considerados: como administrar com efetividade e qualidade esses espaços, de forma que não se tornem “elefantes brancos”, instalações pouco utilizadas, não justificando assim o investimento necessário a sua construção? Como “animar” os espaços, tornando-os referência local para as comunidades? Como extrapolar, no caso dos ginásios/quadras esportivas, o oferecimento tradicional de jogos e campeonatos, potencializando as oportunidades de ocupação do equipamento?

Esse pequeno manual pretende auxiliar os responsáveis por administrar espaços de lazer, notadamente quadras/ginásios, e os gestores de políticas públicas a responder tais perguntas e sanar tais problemas. Não pretende ser somente um receituário de atividades, mas sim apresentar um conjunto de reflexões que possam embasar o encaminhar de ações de qualidade, que estejam compreendidas em um quadro estratégico de intervenção de curta, média e longa duração.

Escrito em linguagem simples e acessível, o nosso intuito é torná-lo um referencial introdutório para aproximação de problemática tão instigante, buscando o equilíbrio e a articulação entre um determinado entendimento teórico, necessário para evitar o simplismo de uma atuação somente pautada na boa-vontade, e uma prática cotidiana conseqüente, que aponte novas perspectivas de compreensão da importância dos momentos de lazer para as diversas comunidades.

Ao publicar tal manual, o Serviço Social do Comércio reafirma seu compromisso, já historicamente construído e constantemente reafirmado, de mais do que oferecer atividades de lazer de qualidade para a população (uma realidade

observável por todas suas unidades e em todas suas iniciativas), contribuir para a melhor compreensão desses ricos momentos de educação e formação cultural, ressaltando seu intuito de contribuição para a construção de uma nova sociedade, assumindo seu papel de intervenção na ordem social.

Uma boa leitura e um bom uso desse material é o que desejamos a todos,

Victor Andrade de Melo

## **A IMPORTÂNCIA DO LAZER NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Não podemos começar a falar sobre a ocupação e a otimização da utilização de equipamentos de lazer sem tecer algumas considerações sobre a importância deste fenômeno no mundo contemporâneo. Veremos que em tais compreensões encontram-se os elementos iniciais que devem ser considerados para a elaboração de nossa proposta de intervenção.

O lazer é um fenômeno moderno, surgido em decorrência do desenvolvimento do modelo de produção fabril, uma das conseqüências da Revolução Industrial. Isto é, se sempre na história da humanidade podemos observar atividades realizadas tendo em vista a busca de diversão, é somente quando a jornada de trabalho se torna artificializada, bem definida diariamente (com hora de entrada, almoço e de saída), é que podemos identificar o surgimento de um tempo disponível que se estabelece a partir do que sobra não só da rotina de trabalho, como também de outras tarefas domésticas cotidianas (cuidar dos filhos, resolver problemas da casa etc.).

Desde que se organizaram enquanto fenômeno social, os momentos de lazer se apresentam enquanto espaço de tensão social. Primeiramente por que foram conquistados, e não concedidos pelos donos dos meios de produção. A regulamentação e a restrição da excessiva jornada de trabalho somente foi possível graças a ação organizada dos trabalhadores. Depois, porque nesse importante âmbito e *locus* de vivência social, defrontam-se parâmetros diferenciados de compreensão cultural, de acordo com os diversos interesses existentes.

O assunto começou a ser estudado e discutido já na virada do século XIX/XX, mas, no Brasil, somente nas últimas três décadas tem se tornado motivo de maiores preocupações e de propostas de intervenção mais elaboradas, embora possamos identificar os primórdios destas preocupações já nas décadas de 20 e 30 do século passado. A partir da década de 70, o campo do lazer vai melhor se configurando, de tal ordem que podemos hoje identificá-lo organizado em três grandes fóruns, que se interrelacionam, mesmo que possuindo peculiaridades, diferentes sentidos e significados ao seu redor:

- a) o lazer se configura enquanto um campo acadêmico, tendo uma longa tradição de estudos e pesquisas, embora ainda careça de completo reconhecimento no âmbito das universidades; a temática se caracteriza pelo caráter multidisciplinar;
- b) o lazer se configura como um relativamente recente, mas fértil e promissor campo de negócios; é um mercado de consumo ainda não completamente definido e com grandes lacunas a serem preenchidas;
- c) o que mais nos interessa neste manual: o lazer é uma necessidade social e motivo de intervenção de políticas públicas; mesmo sendo uma preocupação recente e ainda recebendo menor atenção, existe uma clara tendência de crescimento de ações governamentais.

Durante muito tempo o assunto foi menos valorizado, até mesmo porque a sociedade moderna e contemporânea é estruturada a partir da centralidade e supervalorização do trabalho. Quantas vezes já não ouvimos que o trabalho enobrece o homem? Por que o lazer também não enobreceria? Lamentavelmente somos educados no decorrer de nossa vida para valorizar o mundo do trabalho (que seria “sério”) e não para o mundo do não trabalho, do lazer (já que esse seria “brincadeira” ou “não-sério”). Isso faz com que muitas vezes esqueçamos que nossos momentos de lazer são uma dimensão de grande importância para uma boa qualidade de vida e/ou que não descobrimos todas as possibilidades de prazer e de formação que existem nesses momentos de vida.

É lógico que o trabalho é uma dimensão fundamental e importante na vida humana, mas também o é o lazer. E a população paulatinamente começa a compreender isso. Pesquisas recentes demonstram que cada vez mais crescem as reivindicações para melhores condições de lazer e se lembrarmos as propostas mais efetivas de intervenção social, à busca de construir uma sociedade mais justa e menos desigual, veremos que o lazer e a cultura são sempre palavras-chaves, sempre concebidas como estratégias eficazes de atuação.

Na verdade, não podemos considerar que exista uma rígida hierarquia das necessidades humanas, acreditando que devemos primeiro resolver os problemas do trabalho, da saúde, da educação e por último do lazer. O lazer não só é tão importante quanto todas as outras necessidades, como mesmo se articula com elas. Quem disse que lazer também não é parâmetro importante para a qualidade de vida? Não haveria

articulações entre lazer e educação? De que vale um indivíduo trabalhar muitas horas por dia e não ter seus momentos de lazer? Como podemos ver, o lazer é um assunto multifacetado, estando relacionado a muitos outros.

Assim sendo, não devemos considerar o lazer como um assunto de menor importância, de menor valor. Ele é uma das necessidades humanas, é um importante campo de vivência social, devendo ser motivo de intervenções sérias, por parte de instituições públicas e privadas. Não é um campo ingênuo, mas sim um de tensão social, de diálogo, de conflito, compreendido a partir da ótica de circularidade cultural, cuja intervenção deve superar o espontaneísmo e ser implementada de maneira conseqüente.

Então, a partir desses pontos de vista, como pensar a atuação no âmbito do lazer?

## A ANIMAÇÃO CULTURAL

Quando falamos de atividades de lazer, cabe ter em vista que fundamentalmente estamos falando de cultura, em seus sentidos mais amplos. Isso é, não só um grupo de atividades, mas também um conjunto de valores, normas, hábitos, formas de viver. Todos nós vivemos imersos e somos influenciados por culturas diversas que se entrelaçam.

O âmbito da cultura, contudo, não é estático, mas sim dinâmico e até mesmo conflituoso. Ao mesmo tempo que aí encontramos os elementos que nos controlam e nos permitem viver em sociedade, também encontramos aqueles que podem nos induzir a questionar o *modus vivendis*, vislumbrando outras formas de viver. Tendo em vista que tais valores são difundidos por diversas agências sociais (família, escola, religião etc.), estamos então afirmando que existem tensões no âmbito da cultura que devem ser cuidadosamente observadas.

Vejamos mais detidamente como isso se dá nos momentos de lazer. Grande parte da população possui uma vivência de lazer bastante restrita. Como trabalha muito, perde muito tempo diário no transporte (pois vive longe dos grandes centros) e não é educada para linguagens diferenciadas, não seria equivocado afirmar que na maior parte dos casos restam às pessoas as opções difundidas pela indústria cultural, pelos meios de comunicação de massa (notadamente televisão e rádio). Sem falar que faltam opções culturais diversificadas próximas de seu local de moradia (abordaremos isso mais detidamente no próximo item), o que torna mais complicado o quadro de acesso.

Assim, resta à população a televisão, o pagode, as festas familiares, o futebol. Com isso não estamos dizendo que não existam resistências e/ou alternativas para a população mais pobre, mas sim que se tornam presas mais fáceis para os produtos difundidos pela cultura de massa. Com isso, tornam-se cada vez mais consumidoras de uma cultura de baixa qualidade, difundida pelos meios de comunicação. Vale ressaltar que ao mesmo tempo que se difunde tais manifestações, também são propagados valores e condutas, o que torna ainda mais complexo o quadro.

Ao mesmo tempo, as manifestações da cultura erudita continuam restritas a poucos. O cinema (principalmente o chamado “alternativo”), a música erudita, a poesia, o teatro, as artes plásticas tornam-se luxo para uma parcela restrita da população, que

pode pagar para consumir e que possui a formação educacional adequada que estimule a busca de tais atividades. Vejamos só, a música erudita é menos procurada do que o samba (pelo menos do que os grupos de neo-pagode). Mas será que realmente a maioria das pessoas não gosta dela ou será que isso se dá porque as pessoas não são educadas e/ou não possuem possibilidades concretas de acessá-la com facilidade? Na verdade, a indústria cultural acaba educando para um gosto restrito e limitado, para não dizer de qualidade duvidosa.

Nesse mesmo contexto, as manifestações da cultura popular são afrontadas e atingidas pela ação sem limites da indústria cultural. Pegando o mesmo exemplo acima, se as pessoas gostam tanto de samba, porque não ouvem compositores como Cartola, Noel Rosa, Néelson cavaquinho, entre tantos outros insignes de nossa música? Mais uma vez identificamos a ação restritiva da cultura de massas.

Uma atuação no âmbito do lazer, tendo em vista tal contexto, deve procurar então potencializar as oportunidades de vivência da população, apresentando outras possibilidades de prazer e diversão. Ao fazermos isso, ao ampliarmos o acesso às linguagens, também estaríamos contribuindo para estimular outros olhares, outras perspectivas de vida, para difundir outros valores e compreensões acerca da vida. Em última instância, estamos falando de um processo de sensibilização, de educação da sensibilidade.

Trataria-se de ao contrapor o “reinado” da indústria cultural, difundir as manifestações da cultura erudita e da cultura popular, também contribuindo para resgatar o que está deteriorado desta. Por isso, chamamos esse processo de intervenção de “Animação Cultural”, composto a partir da palavra “anima”, alma em grego.

Para melhor encaminhar tal perspectiva de atuação, falamos do duplo aspecto educativo do lazer: a educação para e pelo lazer. Podemos sim, aproveitar os momentos de lazer para discutir valores, normas, desenvolver uma perspectiva crítica dos indivíduos acerca da realidade (educação pelo lazer). Porém, mais do que isso, precisamos educar as pessoas para que compreendam as múltiplas possibilidades de lazer de que podem usufruir, oportunizando e estimulando os indivíduos no mesmo projeto de intervenção. E isso deve ser feito não em confronto com a formação cultural de cada um, mas em um processo pedagógico prolongado de convencimento e mediação.



**OS EQUIPAMENTOS DE LAZER:**  
**PROBLEMAS E A NECESSIDADE DE APROVEITAMENTO MÚLTIPLO**

Poderíamos afirmar que existem poucos equipamentos de lazer distribuídos pelas cidades brasileiras? Ou seria melhor dizer que os equipamentos que existem muitas vezes são mal aproveitados? Ou ainda que o problema maior é a própria distribuição interna de tais equipamentos pelos bairros e distritos de cada cidade?

A questão dos equipamentos de lazer é bastante complexa e um dos problemas mais significativos no que se refere à restrição da possibilidade de acesso às vivências de lazer. Não por acaso, é comum que as comunidades constantemente reivindiquem a construção de novos espaços públicos, para que possam aproveitar melhor seus momentos do não-trabalho.

Podemos dizer que o problema se dá a partir da conjunção de respostas positivas às três perguntas acima. Existem sim poucos equipamentos de lazer distribuídos pelas cidades. Por exemplo, somente 7% dos municípios possuem cinemas, menos de 10% dos municípios do país. Mais ainda, 68% das cidades brasileiras não dispõem de teatros. Contudo, 98% das cidades pegam o sinal de um dos canais de televisão mais conhecidos. Vejam que confirmamos o que afirmamos no item anterior: a ação da indústria cultural é bastante poderosa e acaba mesmo por ser uma das responsáveis pela restrição de vivências de lazer.

Bem, então estamos afirmando que os habitantes de cidades que possuem cinema e teatro são privilegiados por terem acesso a tais espaços? Não necessariamente. Peguemos o caso do Rio de Janeiro. Tal município possui 144 salas de cinema, mas estas estão distribuídas por somente 20 bairros, a maioria no eixo Centro-Zona Sul-Barra, onde mora a população de maior poder econômico. A cidade possui 57 centros culturais, sendo que somente 2 se localizam na Zona Oeste da cidade. Assim, estamos identificando que o privilégio permanece, mesmo no interior de cidades que possuem uma vasta rede de equipamentos de lazer.

E ainda temos que falar da qualidade da programação oferecida. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, possui 22 salas de cinema de arte (também chamados de cinemas “alternativos”), que procuram exibir uma material de qualidade diferenciada e cinematografias de diferentes países. Nenhuma dessas salas está localizada na Zona

Oeste e Zona Norte. O melhor da programação dos Centros Culturais também pouco chega a tais regiões. E mesmo que chegasse, em função da ação da indústria cultural, se não for implementado um processo sério de animação cultural, de educação para o lazer, correríamos o risco de ver os eventos esvaziados, na medida em que as pessoas não costumam procurar aquilo que não conhecem e/ou não valorizam por desconhecimento.

Adenda-se a isso um outro problema dos mais graves: a falta de aproveitamento adequado de equipamentos já construídos. Muitas cidades possuem pelo menos um cinema e/ou teatro, mas esse praticamente não funciona, ou simplesmente abre para a realização de eventos esporádicos, não se configurando a partir do oferecimento de atividades permanentes e de formação cotidiana.

Vamos dar outro exemplo no Rio de Janeiro para que isso fique mais claro. Esta cidade possui uma das maiores redes de escolas municipais do Brasil. Contudo, nos fins de semana, a maior parte destas permanecem fechadas. Imaginem se conseguíssemos transformar pelo menos uma escola por bairro em um centro cultural? Aos fins de semana essas escolas permaneceriam abertas, oferecendo atividade para a comunidade: práticas esportivas nas quadras, atividades artísticas nas salas de aula, cursos diversos para a comunidade, projeção de filmes em vídeos, espetáculos musicais etc.

O mesmo acontece com as quadras e/ou ginásios. Na maior parte dos casos, eles permanecem fechados, somente abrindo para jogos especiais (quando algum time famoso visita a cidade), para jogos de federações diversas ou no máximo para alguma prática esportiva da população. Não estaríamos a minimizar as potencialidades desses espaços de lazer? Por que não “animar” tal equipamento, mantendo atividades permanentes (que aconteceriam diariamente), realizando eventos de fins de semana, extrapolando a questão da própria prática esportiva? Em um espaço como este, podem ser organizadas exposições, sessões de projeção de filmes, atividades de recreação para as crianças, aulas de música, eventos comemorativos e tudo o mais que nossa criatividade permitir.

Alguns administradores argumentam que controlam muito a frequência dos espaços de lazer tendo em vista que o público quebra ou não conserva adequadamente as instalações. Mas será que o público não faz isso exatamente porque não identifica aquele espaço como seu? Não se trataria de educar o público? Não parece absurdo os

órgãos governamentais investirem um bom dinheiro orçamentário (que em última instância saí do bolso do cidadão) e a própria população não poder acessar e usufruir com frequência dos espaços de lazer?

Existe uma saída clara para aumentarmos a movimentação e otimizarmos a utilização (múltipla) dos espaços de lazer, entre os quais as quadras e ginásios esportivos, talvez a única saída efetiva e aquela que melhor exponencia a perspectiva de intervenção educacional no âmbito do lazer que deve ser implementada por organizações governamentais comprometidas com suas comunidades: a co-gestão dos espaços públicos. Falemos um pouco sobre isso.

## O PAPEL DA COMUNIDADE NA GESTÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Durante muito tempo difundiu-se a idéia de que os órgãos governamentais, por terem recebido do público através do voto uma procuração para administrar as cidades, deveriam por conta própria, sem consulta da população, implementar as ações que julgassem necessárias. Em um conceito ampliado e mais coerente de democracia, podemos dizer que isto é um equívoco. Os governantes recebem uma procuração para administrar, mas não **para** os cidadãos e sim **em conjunto** com os cidadãos. Os habitantes das cidades devem ser convocados constantemente não só para decidirem como devem ser gastos os recursos públicos, bem como serem chamados à responsabilidade de auxiliar na complexa tarefa de administração do bem público.

Quando deixa de ter tal procedimento, as organizações do Estado, mesmo com boa vontade, acabam não cumprindo adequadamente suas funções e mesmo correndo o risco de implementar ações que não tenham os desdobramentos esperados. Temos muitos exemplos de fracassos no que se refere à construção e à gestão de espaços de lazer por a população não ter sido envolvida e/ou consultada.

Imaginem o seguinte exemplo, já identificado concretamente por nós. Uma determinada comunidade possuía uma praça, pequena, feia, aparentemente desorganizada, mas muito utilizada. As crianças pequenas jogavam bolinha de gude e rodavam pião na areia. Pela manhã e pela tarde, as crianças maiores jogavam futebol no campo improvisado, cujas balizas são marcadas por pedras e chinelos ou construídas precariamente com pedaços velhos de madeira. Os mais velhos jogam cartas em um tosco banco e mesa de madeira construídos embaixo de uma árvore. A noite a praça é ocupada por namorados, a conversar e comer pipoca, e pela jogo de futebol dos adultos, sempre seguido de um bate-papo animado em uma birosca próxima.

Aí vem o poder público, acha que aquela praça não é adequada e sem consultar a população envolve sua equipe de arquitetos na tarefa de reformá-la. De repente, a praça fica fechada por meses (sem que a população possa usar) a partir da promessa de que o espaço vai ficar melhor e mais bonito. Ao final, o arquiteto orgulhoso, acompanhado do prefeito e de secretários, numa grande festa, inaugura a “nova” praça. E depois da inauguração começam os problemas.

Onde havia terra, os arquitetos colocaram concreto, pois esse material “dura mais”. Assim, já não se pode mais jogar bolinha de gude ou rodar pião. A mesa dos idosos que jogavam carta foi retirada, pois era feia. Logo, em função do calor e da falta de espaço, já não podem mais continuar com sua prática cotidiana. As quadras esportivas construídas são belíssimas, construídas segundo o modelo “oficial” e por isso nem todo mundo pode usar a qualquer hora. Dessa forma, burocratiza-se o acesso, sem falar que as dimensões “oficiais” dificultam os menores à prática esportiva. A praça é cercada e fechada às 18 horas, sob o argumento de conservação e segurança. Assim, os namorados têm mesmo que ficar no portão de casa. A prefeitura que “construiu” o espaço e compareceu na inauguração, depois não aparece mais, não contribuindo para a animação do espaço, não estimulando a realização de eventos.

Em algumas semanas, a praça de tão bonita vira um monumento, quase um espaço sem utilidade para aquela comunidade, um “elefante branco”. Se formos pensar bem, era melhor a praça antiga, feia mas útil. Aliás, o ideal é que a prefeitura se articulasse com a comunidade, identificando seus desejos e suas necessidades, tornando-a bonita sim (pois a população também merece a beleza), mas útil. Mais ainda, que envolvesse a comunidade na conservação e na gestão do espaço, agindo como parceira no eficaz aproveitamento daquele espaço construído, que em última instância significa um investimento social e um empreendimento financeiro.

Essa é uma proposta mais trabalhosa? Sem dúvida! A democracia é mesmo trabalhosa. Contudo sem isso, além de ferirmos uma determinada visão de poder público, estamos correndo o risco de desrespeitar as comunidades, investir irresponsavelmente (sem a garantia de retorno, isso é, correndo o risco da ação não ser efetiva), e do ponto de vista financeiro ainda ter mais gastos no futuro, já que a população pode não se envolver na preservação dos espaços públicos.

Existe alguma forma já testada de envolvimento da comunidade? É o que veremos no próximo item.

## **ARTICULANDO AS COMUNIDADES** **- POR UM ANIMADOR CULTURAL LOCAL -**

Para articular as comunidades e envolvê-las na co-gestão dos espaços de lazer, apresentaremos alguns passos baseados na metodologia de Ação Comunitária de Lazer, desenvolvida e já testada pela equipe liderada pelo prof. Néelson Carvalho Marcellino. Obviamente, como toda proposta metodológica, esta tem seus limites e se faz necessário adaptações tendo em vista a realidade do local onde pretendemos intervir.

Já tive a possibilidade de utilizar os passos sugeridos e posso afirmar que se constituem em ótimo referencial para a intervenção, desde que tenhamos a sensibilidade de promover as modificações necessárias. Somente o quadro concreto de cada local pode nos dar maior clareza dos rumos a tomar. Lembrem-se que não devemos encarar este livro como um receituário, mas um conjunto de referência para que possamos dialogar com o que encontramos em nossa prática cotidiana.

Vamos tomar por referência uma situação concreta: foi construída uma quadra ou um ginásio de esportes em uma determinada comunidade. Como movimentar esse espaço a partir da perspectiva de co-gestão? Imaginemos que tenhamos uma equipe de lazer para implementar o trabalho. O ideal é que tenhamos um grupo multidisciplinar, isto é, profissionais originários de diferentes áreas de conhecimento (Educação Física, Educação Artística, Música, Teatro, etc.). Contudo, sabemos que normalmente somente um profissional é o responsável pela administração e animação do espaço. Os passos apresentados independem do número de membros da equipe, podendo ser implementados por um só profissional ou por vários, embora saibamos que uma equipe torna mais múltipla a abordagem e a possibilidade de sucesso.

A primeira fase é chamada de “Deflagração”. O primeiro passo da equipe/profissional de lazer é busca conhecer a comunidade em que vai se inserir. Procura identificar as características locais, seus problemas, suas potencialidades, outros espaços de lazer, outras iniciativas já desenvolvidas em outros locais, que podem inclusive futuramente passar a ser oferecidas na quadra/ginásio.

Nesse momento, procura-se identificar quem são as lideranças comunitárias, tanto no nível formal (membros de associações de moradores, por exemplo), quanto informal, isto é, aqueles indivíduos que de alguma forma são reconhecidos e respeitados

por todos. Nossa experiência demonstra que é comum que as comunidades possuam também lideranças ligadas ao lazer, aquela pessoa que organiza as festas, os campeonatos esportivos, as atividades musicais etc.

Convoca-se tais lideranças para uma reunião ampliada, onde comunicamos os intuitos de desenvolver um programa de lazer **em conjunto** com a comunidade, tendo a quadra/ginásio como local central de realização. Com a presença e apoio dessas lideranças, podemos identificar melhor os desejos da comunidade e fomentar parcerias para desenvolvimento de nosso projeto.

A natureza dessas parcerias é múltipla. Podemos identificar aqueles que podem ajudar nas tarefas operacionais para a realização de atividades (um marceneiro que pode ajudar na construção de palcos, uma senhora que pode ajudar na cozinha, um electricista que ajuda na iluminação), aqueles que podem ajudar na liderança das iniciativas a serem implementadas ou aqueles que, por possuírem determinados talentos, podem ajudar diretamente no oferecimento das atividades (em toda comunidade há alguém que pinta, que toca, que sabe ensinar como fazer tricô etc.).

Como segundo passo, oferecemos uma capacitação de animadores culturais da própria comunidade. Isso é, oferecemos um mini-curso de forma a discutir com essas lideranças a importância do lazer e as possibilidades de intervenção. Com isso, ao procurar ampliar as perspectivas de compreensão daquela comunidade, o profissional/equipe de lazer já começou sua estratégia de mediação. Lembremos: não se trata de fazer exatamente o que a comunidade deseja, mas dialogar com ela, respeitando seus limites, mas apresentando outras possibilidades de vivências de lazer. Nesse segundo passo, ao mesmo tempo que capacitamos animadores culturais da própria comunidade (alguns dos quais que atuaram nas próprias iniciativas futuras), aproveitamos para compreender melhor a comunidade e em conjunto traçarmos os objetivos e as estratégias a serem implementadas no programa de lazer.

Partimos então para o terceiro passo: organizar e realizar uma atividade de impacto, que marque o início das atividades de lazer, que chame a atenção para as quadras/ginásios, que envolva o maior número de pessoas possível. A atividade de impacto deve ser um grande evento, que busque mexer o mais possível com toda comunidade. Nesse momento, deve-se ampliar a equipe, a partir da identificação e do envolvimento dos parceiros antes citados. Pode ser, por exemplo, a organização de um

grande “Dia de Lazer”, com atividades infantis, campeonatos, aulas para todos os públicos, apresentação de grupos da comunidade, exposições dos “artistas locais”, um almoço coletivo, a preços acessíveis para que todos possam tomar parte.

Se o profissional/equipe de lazer dispor de um orçamento para tal realização, deve utilizá-lo, mas nunca substituir o envolvimento comunitário. Lembrem-se: o programa de lazer é desenvolvido **em conjunto** com a comunidade. Logo, está deve estar ativa em todas as fases do processo.

Esse evento de impacto é apenas um impulsionador do programa. É possível depois realizar outros eventos? Sem dúvida. Esses, aliás, tem um importante papel de celebração, de retroalimentação e promoção de envolvimento maior da população. O que não podemos é achar que um programa de lazer somente se limita à realização de um conjunto de eventos. As atividades cotidianas são tão importantes quanto os momentos de festa extraordinária.

Depois de realizada a atividade de impacto, passamos para o quarto e último passo da primeira fase: a avaliação do evento. Nesse momento continuamos a coleta de subsídios para garantir a continuidade do programa de lazer. Observem que essa primeira fase é marcada pela tentativa de sensibilização comunitária, pela busca de envolvimento, mas ainda é marcada pela participação intensa e denotada do profissional/equipe de lazer.

A segunda fase, denominada “Período de Carência”, é marcada exatamente por essa avaliação e início da implementação do programa de lazer. Nesse instante, em conjunto com a comunidade, identificamos os resultados esperados, aqueles que não esperávamos, mas foram decorrentes do evento, as novas idéias, os problemas encontrados. Identificamos também quais atividades serão desenvolvidas cotidianamente, tendo em vista a organização da utilização do espaço (quadra/ginásio) e as potencialidades da comunidade.

Por exemplo, a comunidade possui um capoeirista que se dispõe a ensinar tal arte às crianças. Reservamos na quadra um horário para as aulas dele. Quem vai pagar o capoeirista? Se a equipe/profissional possuir uma verba, pode fazê-lo. Se não, pode permitir que ele cobre uma taxa acessível. Pode também juntar os dois modelos de financiamento: a equipe/profissional paga uma parte e a comunidade paga outra. Ainda



existe a possibilidade de voluntariado, comum em algumas comunidades. Nesse caso o professor de capoeira nada cobraria por seus serviços.

Isso pode ser reproduzido com outras práticas: alguém que deseje e se disponha a ensinar música, a cozinhar, artes plásticas, entre outros. Pode a equipe/profissional contratar alguém de fora da comunidade? Por exemplo, a comunidade gostaria de aulas de dança de salão, mas ninguém se dispõe a ajudar. Sim, pode, mas não devemos construir o programa somente com pessoal contratado de fora. Lembremos mais uma vez: o programa é desenvolvido **em conjunto** com a comunidade.

Nessa segunda fase, então, a partir da avaliação das ações na primeira fase, sedimentamos o programa e buscamos dar autonomia de organização à comunidade. Potencializa-se assim a ação dos animadores culturais da própria comunidade, reduzindo-se a intervenção dos técnicos da equipe. Isso não significa desligamento da equipe/profissional. Ele continuará organizando e propondo atividades, sempre em conjunto com a comunidade.

Uma boa estratégia, já por mim inclusive utilizada em uma de minhas experiências, é a composição de um quadro consultivo junto à comunidade (na minha experiência denominei de “Comissão de Lazer”). Esse grupo é convocado constantemente e tem a responsabilidade de assessorar a equipe/profissional, de trazer as demandas da comunidade, de se envolver diretamente na organização das atividades de lazer.

Entramos assim na terceira fase de nosso projeto: “Sedimentação ou Continuidade”. Atuando em conjunto, comunidade e equipe/profissional dão prosseguimento ao programa, planejando, implementando, avaliando e reorientando as atividades oferecidas. O objetivo central é sempre o de autonomização da comunidade e a ação dos técnicos deve ser fundamentalmente de acompanhamento, mediação, consultoria e organização conjunta. Essa é natureza de sua intervenção.

## **A QUESTÃO DA INCLUSÃO SOCIAL E** **DA ADAPTABILIDADE DOS ESPAÇOS**

Ao prepararmos nossa programação, devemos estar atentos para diversificar as atividades, de forma a atingir os mais diversos interesses e gostos, e permitir a participação de todos, sempre levando em conta a faixa etária (crianças, adolescentes, adultos, idosos), a questão do gênero (homens e mulheres), os portadores de deficiências (sejam elas físicas ou mentais), o grau de preparação e de aptidão para a realização do que for oferecido.

Também é fundamental ressaltar que não devemos permitir qualquer manifestação de preconceito e discriminação em nossas programações, sejam elas de gênero, de faixa etária, de raça, de opção sexual, no que se refere ao portador de deficiência, enfim, todos devem ser contemplados e devem ter o direito de participar ativamente em todas as fases dos projetos (preparação, execução, avaliação).

Para que todos possam participar, temos que inclusive pensar na adaptação dos espaços físicos. Por exemplo, alguns ginásios possuem longas escadas como entradas. Isso cria dificuldades de acesso e constrangimentos para uma parte significativa de idosos e portadores de deficiência, que em função de sua dificuldade de deslocamento podem depender da boa vontade de outros ou até mesmo ficarem impedidos de usufruir das atividades oferecidas.

A questão dos banheiros é também relevante. Dentro das possibilidades, devemos buscar garantir sanitários adequados a usuários de cadeiras de roda e também para crianças. Alguns mictórios, por exemplo, são colocados a tal altura que se tornam inacessíveis para as crianças menores. No que se refere aos banheiros, é também importante pensar nos pisos. Pisos escorregadios são um indício de risco de escorregão. Quando pensamos que crianças e idosos utilizarão aquelas instalações, nossas preocupações devem ser redobradas.

Ainda no que se refere aos pisos, temos que tomar cuidado com os locais onde as atividades serão oferecidas. Atividades com movimento, que exijam esforço físico e/ou endereçadas a idosos devem prioritariamente ser programadas para espaços não escorregadios, pelo mesmo motivo de tentarmos minimizar os riscos de acidentes. Lembremos sempre que garantir a segurança do público é um requisito fundamental!

Sempre que possível, inclusive, devemos contar com uma equipe médica no local. No mínimo temos que dispor de um bom material de primeiros socorros e ter próximo alguém capaz de ministrar os cuidados básicos em caso de alguma ocorrência. Lembremos: a prevenção e a preparação prévia para evitar problemas nunca é demais!

A questão da adaptabilidade também deve ser observada quando pensamos no material a ser utilizado. Imaginemos o seguinte exemplo: desejamos organizar um jogo de basquete com crianças de 5/6 anos. Não é possível que, nesse caso, utilizemos as tabelas oficiais, pois será difícil que tenham força para arremessar a bola. Assim, devemos construir tabelas mais baixas, facilmente confeccionáveis com PVC e um latão cheio de cimento. Além disso, não devemos utilizar a bola oficial de basquete, de manuseio complicado para a referida faixa etária. Podemos tranquilamente trocar por uma bola de borracha, de toque mais agradável e adequado.

Enfim, o princípio básico é sempre o mesmo: devemos adaptar e pensar nossas atividades e nossos programas de forma a contemplar o maior número possível de pessoas.

## **AS ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS**

As atividades de lazer são sempre culturais, estando relacionadas aos mais diferentes interesses humanos. Quando prepara sua programação em conjunto com a comunidade, a equipe/profissional utiliza as mais diversas linguagens/manifestações, procurando dentro do possível contemplar essa variedade de possibilidades de diversão e de prazer. Importante perceber, que estamos na verdade falando de diferentes olhares sobre a realidade, daí a importância de garantir um programa que contemple a multiplicidade de opções possíveis.

Para embasar a seleção de nossas atividades, considerando os diferentes interesses humanos, uma eficaz ferramenta auxiliar é o quadro classificatório proposto por Joffre Dumazedier. Ele divide as atividades de lazer em cinco grupos: Físicas, Artísticas, Manuais, Intelectuais, Sociais.

O que este autor leva em conta é o interesse central que conduz o indivíduo às atividades, mesmo que saibamos que isto não se dá de forma isolada. Isto é, um indivíduo quando joga futebol nas tardes de sábado, não o faz somente tendo em vista o interesse na atividade física, mas também por que o grupo social se reunirá depois para conversar e tomar uma cerveja. Interesses físicos e sociais nesse caso se cruzam.

O que importa para nós animadores culturais é considerar um quadro geral de interesses, utilizando a classificação proposta como forma de diversificar e potencializar o alcance dos objetivos de nossa proposta de intervenção. Falemos um pouco sobre cada interesse. Dentro de cada um deles, também apresentaremos alguns exemplos de atividades. Mas lembremos: a criatividade de cada equipe/profissional é o limite da preparação de nossos programas. Obviamente que também teremos que considerar as condições operacionais de cada espaço de intervenção.

### *Os interesses físicos*

As atividades físicas estão entre as mais procuradas pelas comunidades. Normalmente o praticante busca o prazer ocasionado pela movimentação corpórea, muitas vezes a relacionando com preocupações ligadas à estética corporal e à saúde. Podemos introduzir tais atividades a partir de uma dupla postura de nosso público-alvo, sempre buscando o equilíbrio entre ambas: o indivíduo pode jogar/praticar ou pode

assistir a realização da atividade. Isto é, por exemplo, pode jogar futebol ou assistir a uma partida do esporte. Importante é garantir a possibilidade e o estímulo a ambas posturas.

\* Exemplos de atividades:

- Esportes em geral, que podem ser praticados na natureza (treking, montanhismo etc.), em quadras e campos (handebol, voleibol, basquetebol, futebol etc.), lutas (capoeira, judo, etc.), aqueles conhecidos como radicais (skate, ciclismo, patinação), entre outros.
- Caminhadas, em ambientes naturais ou urbanos
- Danças diversas (de salão, ligadas a escolas, folclóricas, etc.)
- Diversas modalidades de ginástica

### Os interesses artísticos

As atividades artísticas estão entre aquelas cujo acesso é mais dificultado e menos oferecido para a população. Não podemos deixar de introduzir essa importante manifestação humana em nossos programas. Vale ressaltar que não devemos ter preconceitos quanto às formas de arte possíveis de serem utilizadas. Com certeza a arte está nos museus, cinemas, teatros, bibliotecas, mas também está nas tradições folclóricas e da cultura popular, no samba, na literatura de cordel, no forró.

Ao introduzir tais atividades, devemos também levar em conta a dupla postura acima apresentada. É importante levar a arte erudita e a popular a nosso público, levar nosso grupo aos espaços onde a arte é exibida, mas também estimular cada indivíduo a descobrir suas possibilidades enquanto produtores. Independente da qualidade do material produzido, todos nós podemos escrever, pintar, cantar, tocar uma música.

A experiência estética é o elemento estimulador que impulsiona e conduz à busca das manifestações artísticas como forma de lazer.

\* Exemplos de atividades:

- Artes plásticas (pintura, escultura, etc.)
- Cinema
- Teatro
- Música
- Danças em geral

### Os interesses manuais

As atividades manuais são procuradas fundamentalmente pelo prazer ocasionado pela manipulação de objetos e produtos. Muitas vezes tais atividades passam de hobbies a opções de trabalho, mas em nossos programas não devem ser encaradas enquanto preparação para tal, e sim como mais uma forma de diversão e educação.

\* Exemplos de atividades:

- Culinária
- Marcenaria
- Tricô e croché
- Corte e costura

### Os interesses intelectuais

É claro que em todas as atividades movimentamos nossa parte intelectual, seja qual for ela. Mas nesse grupo de atividades encontramos aquelas em que o prazer fundamental está relacionado à reflexão e ao raciocínio.

\* Exemplos de atividades:

- Jogos intelectuais (xadrez, dama, gamão)
- Cursos livres de informação geral
- Palestras
- Leitura

### Os interesses sociais

Todas as atividades de lazer tendem a desenvolver a sociabilidade e estimular a formação de grupos, mas nesse grupo a ênfase de interesse recai exatamente sobre tal possibilidade. São atividades buscadas fundamental por promover o encontro de indivíduos, organizados a partir de algum argumento.

\* Exemplos de atividades:

- Festas
  - Espetáculos
  - Atividades turísticas
- 
-

Na verdade, devemos entender que nossos programas podem e devem conjugar de forma articulada e complexa todos esses interesses. Vejamos o exemplo da realização de um “Festival de Futebol”, a ser realizado em um domingo em uma de nossas quadras/ginásios.

Organizaremos sim um campeonato de futebol que buscará congrega as equipes da comunidade. Mas lembremos, é importante garantir a participação de todos. Assim criaríamos categorias diferentes, com regras adaptadas, para idosos, crianças, portadores de deficiência, mulheres, etc. O interesse físico estaria sendo mobilizado.

Enquanto acontece a competição, poderíamos organizar uma exposição de artistas plásticos que retrataram o futebol em suas obras (Gerschman, Portinari, por exemplo). Mais do que uma exposição de quadros, poderíamos realizar oficinas de pinturas, a serem desenvolvidas baseadas naqueles artistas. Nesse caso, o interesse artístico estaria em voga.

Poderíamos também organizar palestras sobre o futebol e sua importância para a sociedade brasileira e/ou sobre dicas de preparação e aquecimento para a prática cotidiana do futebol. Identificamos aqui a mobilização do interesse intelectual.

Também poderíamos organizar oficinas de atividades da cultura popular relacionadas ao futebol: rebatida, cascudinho, golzinho, disputa de embaixada, etc. Também prepararíamos atividades de marcenaria que ensinassem a confeccionar campos de futebol de botão, de futebol de prego, realizando em seguida campeonatos com o material produzido. Conjugamos o resgate da cultura popular com o interesse manual.

Paralelamente a isso, programaríamos a exibição de uma série de vídeos que tematizaram o futebol, sob os mais diferentes aspectos (Prá frente Brasil, Isso é Pelé, Garrincha a alegria do povo, entre outros). De novo o interesse artístico vem a tona. Finalmente, para encerrar as atividades, com uma grande festa, apresentaria-se um grupo de samba cujo repertório fosse baseado naquelas composições que abordaram o assunto futebol (Wilson Batista, Pixinguinha, Noel Rosa, Chico Buarque, entre outros). Finalizaríamos juntando, então, o interesse artístico com o social, que aliás esteve de alguma forma presente em todos os momentos.

Vejamos como a criatividade é o limite. Uma única temática (o futebol) nos permitiria trabalhar os mais diferentes interesses humanos, diversificando a nossa oferta de atividades e reforçando os nossos compromisso de animação cultural.

Por fim, uma última ressalva se faz necessária. As quadras/ginásios podem e devem ser um ponto central de realização das atividades, mas não necessariamente devemos nos restringir a ele. É importante também estimular e organizar nosso público-alvo para que possa conhecer outras opções que existem nas cidades.

Essa parece ser, aliás, uma das tarefas mais importantes do animador cultural: apresentar ao cidadão as diversas possibilidades que sua cidade apresenta. E nesse percurso, aproveitar para falar das belezas, dos problemas e da necessidade que os habitantes estejam atentos e ativos para reivindicar uma cidade melhor e mais humana.



## **CONCLUSÃO**

Caros(as) colegas

Essas são informações básicas que podem ajudar na movimentação de nossos espaços de lazer, nossas quadras e ginásios esportivos. Obviamente esse manual não substitui algumas coisas fundamentais no sucesso de nossas iniciativas: a) é necessário se informar mais, buscar mais informações sobre o assunto (por isso, damos a frente algumas dicas de leituras para os que se interessarem); b) criatividade – cada profissional/equipe deve utilizar as informações aqui contidas como um guia, uma base que permita vãos maiores da imaginação; c) empenho e organização, sem as quais qualquer iniciativa tem grandes possibilidades de se constituir em um grande fracasso.

De qualquer forma, esperamos que o resultado efetivo dessa pequena iniciativa seja a animação e o funcionamento efetivo e de qualidade de nossos espaços públicos de lazer. E que cada vez mais a população sinta-se satisfeita e contente, bem como possa encarar com mais clareza os seus momentos de lazer como algo importante em suas vidas, como um direito social tão importante quanto qualquer outro, como uma forma de encarar e compreender melhor a realidade.

Obrigado por sua companhia e desejamos sucesso em suas programações!!

## **PARA SABER MAIS SOBRE O LAZER**

Se você quiser saber um pouco mais sobre a temática lazer, pode procurar alguns dos livros abaixo indicados. Todos são facilmente encontráveis em livrarias ou pela internet, sendo escritos em linguagem clara e acessível.

\* *O que é lazer*

Luiz Otavio Lima Camargo  
São Paulo: Brasiliense, 1989.

\* *Lazer e Cultura Popular*

Joffre Dumazedier  
São Paulo: Perspectiva, 1974.

\* *Sociologia empírica do lazer*

Joffre Dumazedier  
São Paulo: Perspectiva, 1974.

\* *Valores e conteúdos culturais do lazer*

Joffre Dumazedier  
São Paulo: SESC, 1980.

\* *Lazer e educação.*

Nélson Carvalho Marcellino  
Campinas: Papirus, 1987.

\* *Estudos do lazer: uma introdução*

Nélson Carvalho Marcellino  
Campinas: Autores Associados, 1996.

\* *Políticas Públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras*

Nélson Carvalho Marcellino (org.)  
Campinas: Autores Associados, 1996.

\* *Lazer e Educação Física.*

Christiane Werneck e Hélder Isayama  
Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\* *Uma introdução aos estudos do lazer*

Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior  
São Paulo: Editora Manole, no prelo.